o profissional no seu trabalho na Educação Infantil.

Com as pesquisas bibliográficas e leituras dos autores realizadas obteve-se a informação de que a utilização de jogos e brincadeiras na Educação Infantil é muito importante para a criança, ela é um instrumento de trabalho que auxiliar o professor. Com a pesquisa, aprontou-se que a formação do professor da educação infantil não fornece suporte para o trabalho através da ludicidade, porém os educadores infantis têm sido criativos diversificando suas aulas e planejando a fim de sistematizar o trabalho, com o intuito de apresentar resultados significativos, sempre de maneira lúdica e prazerosa. Ao partirmos desses pressupostos, a ludicidade por se fazer presente no dia a dia e chamar tanto a atenção das crianças, apresenta-se como um excelente instrumento de trabalho auxiliador para o desenvolvimento integral da criança, onde ela irá desenvolver a linguagem oral de forma natural e prazerosa, demonstrando seus sentimentos e emoções.

A presente pesquisa busca compreender os benefícios que o ensino através de jogos e brincadeiras pode proporcionar às crianças da educação infantil bem como verificar a importância do lúdico no desenvolvimento da criança, suas contribuições no ensino-aprendizagem e os equívocos que ainda existem em relação ao trabalho que os professores realizam.

A realização dessa pesquisa contribui para perceber o quanto ainda existem alguns equívocos em relação ao trabalho educativo que precisa ser realizado com as crianças em relação ao desenvolvimento do seu ser lúdico.

Ter o prazer de sentir, perceber e fazer lúdico, ainda é um longo caminho a ser percorrido, não apenas pela criança, mas também, pelo professor, que ainda não se despertou para a grande importância.

É preciso buscar inovar, inserir e se permitir relacionar com as crianças, fazendo e interpretando o lúdico em seus vários e preciosos momentos, sem hora e sem lugar determinado, com e sem definição, com ou sem entonação, com ou sem instrumento, para quê? Para que possamos começar pelo que já possuímos, o nosso próprio corpo, a nossa própria voz e, assim, o desenvolvimento do nosso ser.

CONCLUSÃO

Tendo em vista a relevância da utilização de métodos diferenciados, a elaboração deste trabalho utilizou-se de pesquisa bibliográfica a respeito dos jogos e brincadeiras na educação infantil, onde foram analisadas as ideias dos principais autores que versão sobre a temática.

A pesquisa bibliográfica pode ser compreendida como um processo que envolve etapas: escolha do tema; levantamento bibliográfico preliminar; formulação do problema; elaboração do plano provisório de assunto; busca de fontes; leitura do material; fechamento. Organização lógica do assunto e redação do texto (GIL, 2008).

E para aprofundamento temático e verificar na realidade escolar a contribuição das atividades lúdicas na Educação Infantil adotasse o estudo de observação por meio do desenvolvimento de estudos de autores especializados.

Foram utilizado roteiro de observação e estudos artísticos, para levantamento de

dados. Para análise e organização dos dados é utilizada a técnica descritiva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Paulo Nunes de. Educação lúdica: prazer de estudar técnicas e jogos pedagógicos. São Paulo: Loyola, 2003.

FONTANA, Roseli; CRUZ, Nazaré. Psicologia e trabalho pedagógico. São Paulo: Atual, 1997.

KISHIMOTO, Tizuco Morchida. Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação. São Paulo: Cortez, 1996.

OLIVEIRA, Zilma Ramos de. Educação infantil: muitos olhares. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1996.

. Educação Infantil: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2002.

RIZZI, Leonor; HAYDT, Regina Célia Cazaux. Atividades lúdicas na educação da criança: subsídios práticos para o trabalho na pré-escola e nas séries iniciais do 1º grau. São Paulo: Ática, 1987.

SAMPAIO, Virgínia Régia Carneiro. Creche: atividades desenvolvidas com a criança. Rio de Janeiro: EBM, 1984.

PRÁTICAS EDUCATIVAS

AFETO ALIADO À EDUCAÇÃO

AUGUSTA APARECIDA EZIQUEL TURCHIAI

RESUMO:

Este artigo tem como objetivo apresentar a importância que as relações afetivas têm dentro do processo de aprendizagem de uma criança até o fim do ambiente escolar. E também o quão importante é para um professor saber disso e utilizar da melhor forma ao exercer sua profissão, a fim de disseminar o amor às crianças.

O presente trabalho irá propor uma discussão saudável a respeito do quanto o carinho recebido por uma criança, seja em ambiente escolar ou familiar, pode mudar a vida e até mesmo melhorar seu desenvolvimento intelectual, espiritual e social. Para isso iremos passar sobre práticas pedagógicas, relação entre aluno e professor e também sobre a relação do aluno com sua família e o quanto ela considera a escola um instrumento importante.

Muitas famílias creem que a escola é o lugar onde seu filho deve aprender absolutamente tudo, inclusive a ser educado, e isso não deve ser levado em consideração quando pensamos na escola como um instrumento de formação de um cidadão. Quando se trata de educação, caráter e respeito, a escola age como um complemento dos valores familiares.

A partir desse ponto podemos pensar que quanto mais valores positivos uma criança aprender dentro de casa, melhor ela irá se portar na vida em grupo, por isso as escolas devem agir em paralelo a isso e estarem sempre cientes de que as crianças, que são o futuro de tudo, devem sempre receber muito afeto junto do desenvolvimento de atividades.

PALAVRAS-CHAVES: Escola; Família. Desenvolvimento Intelectual; Práticas Pedagógicas.

INTRODUÇÃO

Em busca de uma aprendizagem mais ampla, os professores devem sempre levar em conta elementos e fatores externos que podem auxiliar e colaborar com uma criança no momento da absorção de conhecimento e desenvolvimento de atividades. O afeto que as crianças recebem, tanto em casa como dentro de ambiente escolar, influenciam, e muito, no desenvolvimento do aluno, e a escola que entende isso, tem tudo para ser muito respeitada por pais e alunos.

As escolas devem sempre fazer questão de mostrar aos alunos que cada um que entra na sala de aula tem uma importância muito grande para a instituição e para o professor, que, naquele momento, é a figura que a criança deve admirar e querer se espelhar. Se sentir importante é o primeiro passo para que a criança valorize cada vez mais o ambiente escolar e se esforce para retribuí-lo.

Família e escola são muito complementares dentro da educação de uma criança. Ambas têm o papel de inserir na sociedade um cidadão preparado para convívio com outras pessoas e preparar o melhor futuro para ela, o que, automaticamente, contribui para melhores nações.

Infelizmente, muitos são os casos de crianças que não recebem a quantia de afeto suficiente nem dentro de suas próprias casas, e sabemos no que isso pode acarretar quando pensamos a longo prazo. Crianças que sofrem por falta de atenção, carinho e até mesmo com agressões e bullying, se tornam adultos muitas vezes frustrados e revoltados. A escola tem o papel de analisar e, dentro do possível, tornar menor o reflexo do ambiente hostil que vivem essas pessoas, fazendo com que o prazer de estar ali dentro do ambiente de aprendizado se torne muito maior do que o desprazer do convívio com o desprezo. O professor, na posição de alguém que se torna referência para uma criança, deve cumprir o papel de quem pode, de forma sutil, analisar esses casos, tentar revertê-los e encaminhar a alguma autoridade maior que irá tratar do assunto com maior respaldo e competência. Por este e alguns outros fatores já citados, e que ainda serão ao longo dos textos, é plausível considerar a escola como um ambiente de salvação para uma criança ou jovem que pode estar perdido.

A transmissão de afeto aos alunos deve ser algo primordial na formação de um pedagogo.

É requisito básico na escolha de qualquer que seja a profissão futura de uma pessoa, o amor a ela empenhado. Nenhum bom profissional se constitui sem amor ao que faz. Quando falamos em profissões que lidam diretamente com o público, esse prazer pela escolha deve se intensificar, pois qualquer atitude negativa nossa pode refletir de forma grandiosa na vida de alguém. É assim com médicos, enfermeiros, e professores também. Pedagogos devem entender que também cumprem um papel importantíssimo na sociedade, que é cuidar das pessoas que cuidarão do futuro. Por isso, o dom de ensinar e cuidar deve ser lapidado, para poder, assim, lapidar.

É uma arte também, não é uma profissão para qualquer um assumir, exige dedicação, aprimoramento de habilidades, melhorias nos próprios saberes.

“Educar a mente sem educar o coração não é educação.” é uma frase de Aristóteles e exemplifica muito o pensamento proposto por esse artigo. Antes de analisar a frase

em si, podemos analisar o contexto. Quando feita essa citação a humanidade jamais imaginou uma sociedade igual a que vivemos hoje, com avanços tecnológicos surreais, avanços intelectuais de geração em geração e etc. mas uma coisa é notável, mesmo com todas essas mudanças, a educação continua sendo o pilar para o avanço de todas esses exemplos citados e que para alcançarmos anseios do futuro, temos de pensar nos que dele irão cuidar. Mas voltando a frase, o que impressiona é que educar sempre esteve atrelado ao amor pelo ato. Essa importância sempre foi destacada e nunca deve ser esquecida.

1. AMOR DENTRO DA EDUCAÇÃO

Para vivermos em sociedade de uma forma satisfatória a todos, onde todos direitos e deveres são cumpridos, dependemos muito da educação. A pedagogia surge como a ciência do ensino, se tornando peça fundamental para o desenvolvimento social de nações. O pedagogo se compromete ao dever de transmitir conhecimentos ao educando, analisando sempre a melhor forma de fazê-lo, e deve levar em conta as características do perfil dos educandos, ou seja, não deve descartar fatores sociais, psicológicos e histórico do estudante, tudo conta para que os ensinamentos sejam assimilados.

Para exercer a profissão de educador, não basta apenas aceitar o dever de ensinar e gostar da área, é mais do que isso. O pedagogo tem o dever de compreender cada indivíduo e aceitar a responsabilidade que tem sobre ele. Tem de exercer tudo com muito carinho e respeito as diversas formas de pessoas e histórias que irão encontrar pelo trajeto educativo. Em entrevista a revista Nova Escola – Edição 300 de março de 2017, o Filósofo, educador, escritor (atuante em outras diversas áreas do saber) Mário Sergio Cortella, discorre sobre a responsabilidade que uma pessoa assume ao assumir a sala de aula, e diz sobre não ser suficiente apenas ter apreço pela área:

Boa parte de nós tem como sua força interna uma amorosidade por ensinar, que também precisa ser interrogada. Na primeira aula de Pedagogia, eu perguntava aos alunos por que eles estavam fazendo o curso. Quase sempre a resposta era: “Eu gosto de criança”. É um motivo bom, mas não suficiente. Na sequência, eu insistia: “De qual criança você gosta? Da sua sobrinha, que toma banho todo dia, que não tem remela no olho, que o nariz não escorre, que não tem deficiência visual, que os pais são alfabetizados?”. Vou te contar uma coisa: a chance de você encontrar essa criança não é tão grande. A probabilidade de você encontrar uma criança que não tem nenhum tipo de estímulo para a aprendizagem é maior. Você vai ter de se preparar para trabalhar com todos os tipos de criança.

Portanto, de acordo com as palavras de Cortella, cada criança possui sua particularidade, ou seja, algo que difere e pode gerar incômodo aos que não estão de fato dispostos a encará-los.

O amor e respeito a profissão e ao exercício foram lembrados na instauração da Lei nº 3.934, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). Nela fica garantido o acesso de todas as crianças, não importa a classe, raça, e nem de onde vem. O acesso pleno e igualitário, ministrado com todo empenho e dedicação por professores. Garantindo assim que todos recebam conhe-

cimento e, fica por conta do professor e das instituições, a entrega do afeto.

A educação é uma atividade de troca, de entrega, cumplicidade, amor, respeito, entre outros. Em tempos atuais, onde o desrespeito muitas vezes toma conta, temos de tomar cuidado com as crianças, que são seres humanos mais sensíveis e sofrem com críticas, falta de atenção, problemas de estima que envolvem bullying e muitas vezes o caminho do afeto, que foge à teoria pedagógica, por menor que seja, pode resgatar uma criança.

2. PROFESSOR E ALUNO

Crianças tendem a possuir ídolos em suas vidas, pessoas em quem se espelham e gostariam de ser iguais. Muitas vezes essas figuras são seus pais, irmãos, tios e parentes mais próximos, em outros casos, se espelham em personagens dos quais se identificam e nem sempre bons valores são absorvidos. Nesse espaço de referência o professor é um ótimo candidato a ídolo de uma criança, nele pode ser encontrado todo afeto necessário para contribuição na autoestima do aluno, todo respeito ao próximo, todo saber necessário para evolução do conhecimento, dentre outras características positivas. Por isso, tão importante o entendimento de todos pedagogos de seu papel. Crianças mudam de professor de tempos em tempos, cada mudança é a oportunidade de um novo professor na vida de um novo aluno.

Atualmente é muito difícil competir a atenção de uma criança com peças tecnológicas, elas facilmente trocam um diálogo por um jogo, um vídeo, ou algo que não irá agregar conhecimento. Ao sair de casa para ir à escola, as crianças não podem ter o pensamento de martírio, de tristeza ou de que estão a um lugar chato. A relação entre professor e aluno deve ser pautada na cumplicidade, que fará o aluno não ver a hora passar dentro da escola e queira estar lá no outro dia. Fará com que as palavras do professor sejam absorvidas e assimiladas, esse é um processo de sucesso na educação.

A sensibilidade de um professor no contato com o aluno é primordial, capaz de fazer conhecer e identificar características através de gestos. Compreensão de pensamentos, medos, angústias e até mesmo distúrbios que muitas vezes os próprios pais desconhecem. Tudo isso se torna favorável no respaldo e retorno crítico que é dado a um professor e a instituição a qual o aluno é vinculado. Essa proximidade muitas vezes pode fazer com que o relacionamento entre professor e aluno exceda a sala de aula se desenvolva para além disso, se tornando algo pessoal.

No entanto, ao falarmos de um relacionamento pessoal entre docente e aluno, devemos tomar cuidado com intimidade, que pode enfraquecer o respeito, ainda mais se tratando de crianças. O intuito da proximidade é a transformação do ambiente no mais leve possível. Ainda na entrevista a Nova Escola, o Cortella diz o seguinte sobre o assunto:

A autoridade docente é decisiva. Autoritarismo não, mas autoridade, a responsabilidade de conduzir um processo pedagógico. Um dos elementos para isso é a alegria, o afeto. Mas a amizade não pode ser sinal de intimidade. Minha carreira é toda no Ensino Superior - portanto, com pessoas adultas. Às sextas-feiras, a gente saía para conversar, às vezes tomar um suco ou uma cerveja. Nunca passou disso. A intimidade devassada

demole a autoridade. Isso não significa que a aula precisa ser sisuda e distante. Concordo. Seriedade não é sinônimo de tristeza e o contrário de seriedade não é alegria. É descompromisso. Numa atividade compromissada, o afeto faz parte e confere animação.

Com tudo isso, é muito importante que o professor saiba seu papel para com o aluno e esteja muito inteirado nos assuntos sociais para que exerça sua profissão.

3. FAMÍLIA, ALUNO E PROFESSOR

A família continua, e sempre será, o lugar onde a criança irá aprender sobre valores, princípios, postura e muitos outros ensinamentos que são disseminados na escola. O professor deve sempre ter noção da importância do quanto a família pode representar dentro do processo educativo e utilizar disso como aliado na formação do cidadão

A educação por completo de uma criança, ao contrário do que muitos pensam, acontece dentro de casa, diariamente, a partir do relacionamento familiar, com os pais. A escola tem o papel de ensinar, propagar o saber, incentivar o convívio entre pessoas. A criança deve vir com princípios familiares, e cabe aos pais, manter sempre um contato direto com a escola, acompanhando seu filho, dessa forma, ele se sente amparado e atendido de todos os lados, incentivado.

O contexto social no qual vive uma criança é também um fator relevante no processo de aprendizagem. Somos um país muito diverso em classes econômicas e a comunidade em que a criança é criada influencia sempre em seu desempenho escolar. Amigos, pessoas ao redor passam exemplo de como é o mundo e cabe a união entre família e escola filtrar e organizar essas informações para que elas cheguem às crianças de uma forma que não influencie negativamente dentro de sua cabeça.

É muito necessária a compreensão de que a família é o ambiente de maior influência na vida de uma criança. Escola é um complemento disso, trabalham em conjunto, afinal, em período letivo, esses são os dois únicos ambientes que uma criança habita durante muitos anos de sua vida. Portanto, é de extrema importância o entendimento da relevância que esses ambientes possuem para a criança. Qualquer mau exemplo pode ser levado para frente e replicado.

4. CRIANÇAS A RESPEITO DA ESCOLA

Como já citado em outro trecho desse artigo, obter atenção e foco de uma criança é uma tarefa complicadíssima, requer que se estabeleça uma disputa com conteúdos chamativos, atrativos, que falam a língua que ela quer ouvir, no entanto, muitas vezes vazios. Vivemos em uma era tecnológica, onde crianças já nascem conectadas, com cérebros multitarefas, capazes de entender muito mais rápido as novidades do que as gerações passadas. Isso faz com que os mais velhos tenham a sensação de que estão sendo deixados para trás e muitas vezes abram mão de educar os filhos por conta própria e confiam em conteúdos disseminados online.

Segundo uma pesquisa Panorama Mobile Time/Opinion Box, 30% das crianças de 4 a 6 anos de idade possuem um celular smartphone, capaz de ter acesso ao mundo na palma da mão delas, o que sem acompanhamento se torna muito perigoso. E um outro dado impressionante é que 83% das